

Noémia de Sousa: Modulação de uma escrita em turbilhão

Carla Maria Ferreira Sousa

Universidade Federal da Bahia – Brasil

Graduanda em Letras Vernáculas

E-mail: Carlamar82@yahoo.com.br

RESUMO: A obra ficcional da poetisa Noémia de Sousa foi escolhida para estudo com o propósito de observar como as produções poéticas dessa escritora surgem interligadas com as questões políticas e históricas de Moçambique. A obra estudada aponta para características que definem uma tradição organizada em torno dos pressupostos de uma literatura denominada engajada, - do chamado período de combate à estrutura colonial, iniciada com a geração de 1950 - e apresentam também traços marcantes que foram definindo e singularizando Noémia de Sousa dentro do contexto cultural e histórico de seu espaço específico. Nesse sentido, a importância dessa escritora torna-se relevante na organização do pensamento revolucionário e contestador no período colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Poesia. História

A história é o lugar da encarnação da palavra poética

(Octávio Paz)

A experiência poética é a revelação da condição humana na sua transcendência à dependência da palavra que nos obriga a recriar o mundo através do exercício criativo da imaginação. Segundo Octávio Paz, a expressão poética é história e se situa em uma categoria temporal especial, porque é um tempo sempre presente e nesse sentido ultrapassa a história, mas não se encarna fora dela. A observação do teórico acaba por enfatizar a discussão da relação entre história e literatura e pode também, sem dúvida, estender-se às literaturas produzidas nos países africanos de língua portuguesa, a saber, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe.

Falar, especificamente, da literatura de Moçambique, recorte espacial proposto, no período colonial, recorte temporal proposto, acolhe a idéia de retomar as condições materiais e culturais da sociedade moçambicana para tentar observar como se estruturou a criação literária em um espaço dominado pelo regime colonial português. Assim, a partir da produção poética da escritora moçambicana Noémia de Sousa, objeto de estudo deste trabalho, pretende-se tecer algumas considerações sobre o modo como a sua poesia embalou o compromisso de toda uma geração em torno da luta pela libertação em Moçambique.

A poesia de Noémia de Sousa se insere no conjunto literário de Moçambique dos anos 1940-50 marcada pelo amadurecimento de uma nova consciência dos problemas africanos. Assim, pensar na poesia produzida de acordo com os parâmetros estabelecidos dentro dessa dada conjuntura, em que os problemas atingem variada ordem e assumem sistematicamente o eixo central dos debates, não poderia deixar de levar em consideração, naquele momento, o lugar ocupado pelo poeta negro e os elos estabelecidos por ele entre a literatura e as mudanças políticas e sociológicas que se processaram em torno dessas questões não só em solos africanos.

Vale lembrar que, na mesma direção, em suas reflexões críticas, o político e militante cabo-verdiano Amílcar Cabral, atento ao que acontecia nas sociedades africanas em geral, ressaltou a importância de expandir os debates das condições políticas, econômicas, históricas, sociais e culturais desses espaços, para o âmbito das sociedades liberais ocidentais para se discutir a real situação das populações africanas em seus próprios países.

Em seu discurso “A verdade sobre as colônias africanas de Portugal” em junho de 1960, alerta para as condições materiais da própria sociedade portuguesa:

“Portugal é um país subdesenvolvido com 40% de analfabetos e o seu nível de vida é o mais baixo da Europa. Se conseguisse ter uma <influência civilizadora> sobre qualquer povo seria uma espécie de milagre (...). O atraso econômico de Portugal reflete-se na vida econômica e financeira das suas colônias; nunca pôde e nem poderá criar as bases necessárias para o desenvolvimento econômico das suas colônias”. (CABRAL, 1976, p. 61)

É possível, portanto, perceber a crítica manifesta por Amílcar Cabral de que os problemas provocados pela dinâmica econômica e política implantada pelos europeus dentro do sistema colonial, no caso de Portugal, não só tornava evidente a impossibilidade de crescimento e emancipação dos territórios ocupados em África, como afetava diretamente as condições de vida dos próprios lusitanos, comprovando a tese de que não haveria base possível para qualquer mudança.

Nessa mesma direção, segue Noémia de Sousa que escreve pela primeira vez, em 1948, para o jornal “Mocidade Portuguesa”, o poema intitulado *Canção Fraterna*, assinando apenas com as iniciais N.S. Seu poema provocou grande alvoroço na época, período de forte repressão política, pelo conteúdo de seus versos voltados para a denúncia da escravidão e pela declarada adesão à potencialidade de emancipação humana configurada pelo (a) suposto (a) escritor (a): “Irmão negro de voz quente/ o olhar magoado,/ diz -me:/ Que séculos de escravidão/ geraram tua voz dolente?/ Quem pôs o mistério e a dor/ em cada palavra tua?/ E a humilde resignação/ na tua triste canção?/ E o poço de melancolia/ no fundo do teu olhar?/ Mas mesmo encadeado, irmão,/ que estranho feitiço o teu!/ A tua voz dolente chorou/ de dor e saudade,/ gritou de escravidão e veio murmurar à minha alma em

ferida/ que a tua triste canção dorida/ não é só tua, irmão de voz de veludo/ e olhos de luar.../
Veio de manso murmurar/ que a tua canção é minha” (SOUSA, 2001, p. 74 -75).

Noémia de Sousa, em *Canção Fraterna*, apresenta um poema cujo tema central é a subjugação do homem negro gerada pelos anos de escravidão. O título do poema antecipa ao leitor a intenção do eu-poético em estabelecer laços de união em torno do ideal de solidariedade, no compartilhar do sofrimento do outro, que é, na verdade, o próprio irmão.

O poema está disposto em duas estrofes principais que dialogam entre si e cuja estrutura de interpelações individuais e coletivas aponta para uma tentativa de desenhar a situação do escravizado. Na primeira estrofe, o eu-poético remete à questão de soberania ao focalizar o modo como vive o escravizado subjogado à força e ao modo de ser do outro e evoca nas interrogações que finalizam cada um dos versos, os responsáveis por tão profunda tristeza: “Quem pôs o mistério e a dor/ em cada palavra tua?” No início da segunda estrofe, a utilização da conjunção adversativa “mas” implica e antecipa a força da resistência dessa personagem que, por meio de sua canção comovente, revela o “mistério” de suas palavras e aponta para a conjugação de forças contra o sistema escravocrata.

Após a sua aparição no “Mocidade Portuguesa”, Noémia publica, em 1949, no jornal “O Brado Africano”, esse de maior repercussão em Moçambique também, um poema com o título “*Poesia não venhas!*” assinado novamente com as iniciais N.S. Desta vez, a poeta surpreendeu o ensaísta Augusto dos Santos Abranches, que havia emitido uma nota ao jornal sobre a falta de iniciativa dos intelectuais moçambicanos em relação à situação do país, diferentemente de Cabo Verde, que já possuía, desde a década de 30, um movimento literário organizado.

Em *Poesia não venhas!* Noémia enfatiza o sofrimento provocado pelo colonialismo e a importância do campo poético como possibilidade de manifestação desse sofrimento, na medida em que é impossível renunciar ao seu compromisso social para falar de “suas frouxas lágrimas”. Em nome da coletividade, o eu-poético renuncia aos seus sentimentos mais íntimos: “Oh Poesia, não, não venhas hoje! Hoje, eu só saberia cantar a minha própria dor... Ignoraria Tudo o que tu, Poesia me viesses se gredar... E a minha dor, que é a minha dor egoísta e vazia comparada aos sofrimentos seculares de irmãos aos milhares? Bem sei que as minhas frouxas lágrimas nem o mais humilde poema valeriam... E se tu que é assim,

oh! Poesia! Será melhor que fiques lá onde estás, E não venhas hoje, não!” (SOUSA, 2001, p. 123-124).

O poema evidencia a importância do papel do poeta que acaba entendendo o campo poético como possível campo de resistência e de autonomia, no caso de Noémia, de uma poesia intrinsecamente moçambicana. Quando o eu-poético suplica à poesia que não venha, abdica, na verdade, de sua individualidade e de seu isolamento “minha dor egoísta e vazia” para estampar o possível compromisso da poesia com as condições existenciais dos africanos. O eu-poético tem ciência, então, de que suas mágoas e decepções são menores das de seu povo percebendo, desta maneira, a crise dos paradigmas sociais que se estampa ao seu redor.

Recorrendo à metalingüística em outros poemas, Noémia situa o ser humano dentro do sistema colonial e o eu-poético acaba por assumir a responsabilidade pelo protesto diante dos problemas sociais: “Aqui tens o meu poema, irmão/ (...) meu poema fogueira de negros solitários/ (...) meu poema seta e azagaia para os combates da vida/ meu poema alma mulata amassada em dor e revolta/ meu poema mão aberta estendida para o mundo”.

A produção poética de Noémia inscreve-se dentro de um período de grande influência de tendências estético-literárias como o Neo-realismo, sobretudo italiano, o Modernismo brasileiro e o Movimento da Negritude, este último que assume como viés temático a questão do negro ao longo dos anos 40 até início dos anos 60. Esses movimentos acirraram o desejo de ruptura total com a literatura ultramarina, até então dominante, opondo-se à literatura colonial, esta profundamente empenhada em apresentar as populações negras como destituídas de cultura, civilização e história.

Noémia está mobilizada para a necessidade de tornar a literatura um espaço cada vez mais de resistência e de afirmação contra o domínio repressivo colonial e apresenta, em sua obra, naquele momento, os temas principais da Negritude, enquanto movimento intelectual e dinamizador do processo cultural africano. É inegável o papel desempenhado por esse movimento na tomada concreta de consciência da opressão e na emancipação cultural e política dos intelectuais africanos. Através de elementos que contribuíram para a superação da Negritude, na então formulação de um novo discurso poético, Noémia assume

a totalidade dos contextos históricos, sociais e econômicos em que se encontra o homem africano.

“Nossa Voz”, poema que inicia o seu livro, *Sangue Negro*, anuncia uma das temáticas constantes de sua poesia, ou seja, a tomada de consciência dos povos africanos, além de estampar a interlocução entre os poetas da sua época, como José Craveirinha, Antero, João Silva, Rui Guerra, Saul Sendé, Duarte Galvão, João Mendes, Fonseca Amaral e entre outros: “Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara/ Sobre o branco egoísmo dos homens/ Sobre a indiferença assassina de todos/ Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão/ Nossa voz ardente como o sol das malangas/ Nossa voz atabaque chamando/ Nossa voz lança de maguiguana/ Nossa voz, irmão,/ Nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade/ E revolucionou-a/ Arrastou-a como um ciclone de conhecimento/ Nossa voz, irmão!/ Nossa voz atabaque chamando” (SOUSA, 2001, p. 33-34).

O poema, além de representar uma reação coletiva das populações africanas contra a presença estrangeira em seu território, anuncia a intertextualidade pretendida entre a poesia de Noémia e a do grande poeta moçambicano José Craveirinha. Primeiro Noémia dedica esse poema a Craveirinha e acaba por estabelecer entre as homenagens que faz ao poeta e às suas já consagradas falas contestatórias, um diálogo entre seu poema “Quero ser tambor”, em que o sujeito poético se transforma em instrumento musical para ressoar a sua indignação contra a humilhação da violência colonial. Noémia realiza desse modo, uma poesia dialógica que faz brotar do próprio ato da sua escrita os ecos poéticos compartilhados na base dos movimentos de libertação de cada país.

Como se observa no excerto acima, a seguida repetição de “Nossa voz”, anunciada desde o título, acaba por indicar a unidade de intenções apresentada pelo eu-poético em evidenciar um ambiente de reivindicações formado em um contexto dialeticamente marcado pela estratificação racial e social, como se verifica na própria estrutura do poema. Este se inicia a partir da definição segura de como se eleva essa voz “consciente e bárbara” a julgar a condição da sua própria existência e realidade que é dada. Voz que se organiza em torno da contestação contra o branco, não de todo e qualquer branco, do “branco egoísmo dos homens” e da sua “indiferença” perante as relações arbitrárias entre colonizado e colonizador. Após demonstrar como surgiu e contra quem se ergue, essa voz se revela

sendo a própria população moçambicana que, se identificando com o seu local de origem e em permanente contato com as simbologias da terra, se organiza em favor da libertação nacional. O resultado dessa conjugação de forças prevê a alteração dos eixos que conduziam os comportamentos da sociedade colonial. Ao transpor a “conformidade da cidade” imprime uma outra dinâmica nessas sociedades, em que os dominados passariam a ser sujeitos da sua própria história.

A última estrofe recupera o senso de companheirismo e participação do chamado do irmão para a luta, nesse caso, José Craveirinha, entoando o som do atabaque na evocação para a liberdade, enunciada no protesto que vibra das palavras de cada ser que se fez ativo na confrontação do sistema vigente.

Nos textos poéticos de Noémia, aspectos biográficos, lutas políticas, desejos e tensões pessoais misturam-se de modo que a sua obra sustenta reflexões sobre a africanidade para o domínio da arte, usando, assim, uma forma poética que acentua os novos caminhos da poesia moçambicana, ainda quando os seus versos apontam para a construção de uma identidade cultural, a erigir-se nacional, por meio de um discurso de combate social, denunciador da precariedade socioeconômico e da exploração colonial. É, justamente, por apresentar uma linguagem poética de protesto e de caráter de denúncia, a partir de preocupações constantes com o ser humano, que a poesia de Noémia faz suscitar no leitor a crença no poder transformador da história e na esperança do restabelecimento do “status quo” repressivo. O protesto é um dos capítulos mais importantes na sua obra, nele estão inseridos poemas sobre a identidade negroafricana, o trabalho forçado, além de dar grande destaque à idéia de coisificação do homem negro imbutida no imaginário falsificado do europeu. Desta forma, Noémia, por meio da sua poesia, coloca o ser humano em face ao sistema colonial em questão.

Em relação à conjuntura nacional, vale ressaltar que em Moçambique a concepção de um projeto nacionalista é organizada por um grupo de intelectuais do qual Noémia está integrada. A poetisa e outros escritores, poetas e intelectuais moçambicanos propõem diálogos e atividades que definem projetos de atuação e intervenção no cenário histórico moçambicano e traçam, ainda que sob as tensões dialéticas impostas pelo regime colonial, a formação de associações a favor dos direitos iguais e campanhas contra os desmandos

gerenciais, formando, até organizações com programas sociais, de saúde e atividades culturais e desportivas. A imprensa, cada vez mais, surge como campo propício, através de seus periódicos, para a disseminação das palavras de ordem que conduzirão à independência.

O desejo de rompimento com o governo português se intensificava, sobretudo, porque era cada vez mais urgente tomar as decisões políticas, econômicas e administrativas, devolvendo a Moçambique sua autonomia de território nacional. A reivindicação nacionalista se afirmava pelo reconhecimento da diferença, por valores próprios, já que havia se ampliado fortemente a demarcação dos dois pólos: a do colonizado e a do colonizador. Recusar a presença do colonizador conduz a uma práxis literária que registra as modificações do contexto e o desejo de tornar públicas as formas desse enfrentamento. É possível verificar o processo de estabelecimento dos traços formadores de uma literatura de combate, convocando o povo moçambicano para a luta de independência.

Progressivamente, a poesia moçambicana e com ela Noémia voltam -se para a questão da nacionalidade, focalizando a valorização do território, seja no contexto continental (macro) ou no contexto nacional (micro), estabelecendo, assim, a demarcação da fronteira de Moçambique, como no poema “Um dia”: “Quando este sol ardente de África/ nos cobrir a todos com a benção do mesmo calor/ quero ir contigo, amigo,/ de mãos dadas, deslumbrados/ pelos trilhos abertos da nossa terra estranha,/ adubada com sangue e suor de séculos.../ Uma luz clara e doce se abrirá para todos/ e nós iremos de mãos dadas,/ amigo/ pelos trilhos verdes de Moçambique” (SOUSA, 2001, p. 114 -115).

Nesse projeto literário, sem dúvida, vislumbra-se o futuro livre e independente como Noémia aponta no poema. A conjunção “Quando”, que inicia o poema, indica um tempo porvir, um devir histórico almejado por todos. É a construção da nação a partir das “mãos dadas”, representando a conjugação de idéias e propósitos na formação de um país sem o controle português.

Autora de poemas longos e de versos intensos, a atividade poética de Noémia de Sousa consagra-se pela vontade de mudança político-ideológica e pela consciência da injustiça que dividia a sociedade, por exemplo, em residentes dos bairros asfaltados e moradores das ruas de caniço.

Em entrevista concedida a Omar Thomaz e Rita Chaves, José Craveirinha falou da sua ligação com Noémia na formação do sentimento nacional. Era na casa da poetisa que se faziam constantes reuniões de intelectuais na busca de estratégias para combater o modelo político colonialista, estendendo-se a parceria na elaboração de um manifesto para o jornal “O Brado Africano”. A partir dessas reuniões, estabeleceram-se laços de amizade e companheirismo entre os dois. E a literatura, novamente, surgia como campo de sonhos e ação nas mãos de José Craveirinha e Noémia de Sousa.

Nesse percurso de constatação do sentimento nacional, confunde-se biografia e manifestações poéticas do ideário da escritora. No poema “Se me quiseres con hecer”, a combinação de elementos culturais da terra e a vida da figura feminina não se distinguem:

“Ah, essa sou eu/ África de cabeça aos pés”. Nem em grande momento de sofrimento, a relação com o continente e com a simbologia da terra deixa de se apresentar na poesia como fator de pertença ao local de origem: “Ah, essa sou eu:/ Órbitas vazias no desespero de possuir a vida,/ Boca rasgada em feridas e angústia,/ Mãos enormes, espalmadas,/ Erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,/ Corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis/ Pelos chicotes da escravatura...” (SOUSA, 2001, p. 49-50).

A fala poética em todo o seu dimensionamento dramático desdobra-se em um ritmo angustiante, pelo qual a identificação com a terra metaforiza a fusão do eu-lírico com a devastação do continente. As imagens da terra martirizada são construídas através da construção do homem em seu desespero de possuir uma condição digna de sobrevivência. Essas imagens potencializam os processos de alienação do homem colonizado, sendo o corpo feminino metonímia para essa figuração. Ao associar essas imagens a dor do povo moçambicano, Noémia concede voz a um sujeito lírico feminino que revela a desumanidade do sistema econômico e político do colonialismo português.

A força da palavra poética de Noémia se traduz pelo seu declarado comprometimento com a situação histórica, política e econômica do seu país. Ao tratar no conjunto da sua composição lírica da negação à submissão ao poder do colonizador, o trabalho artístico dessa poetisa se constitui pela busca de valores que afirmem a moçambicanidade, enfatizando, assim, a questão da africanidade no despertar de uma consciência revolucionária, como em “Poema”:

“Armas-me grades e queres crucificar-me/ Agora que rasguei a venda cor de rosa/ E gritei: “Basta”/ Condenas-me à escuridão eterna/ Agora que minha alma de África se iluminou/ E descobriu o ludíbrio.../ E gritei, mil vezes gritei, Basta” (SOUSA, 2001, p. 37-38).

Assim, participante ativa da luta pelo fim do colonialismo e poetisa militante do período da poesia de combate, Noémia, em 2001, foi agraciada com a publicação do seu único livro de poesias – *Sangue Negro*. Editado pela associação dos escritores moçambicanos, este livro é uma coletânea de poemas que apresenta a grande escritora engajada do período colonial.

Vale ressaltar que em muitos dos seus poemas, a presença da mulher é evidente na participação das reivindicações na direção da mobilização e do desenvolvimento do espírito coletivo na conquista da liberdade. É através de seus poemas, em seu estilo rico e fluente de fala poética, que ficam registrados o desejo e a necessidade de liberdade, e, ainda, a certeza de que sempre haverá uma resistência viva, quando necessário.

Referências

- CABRAL, Amílcar. *A arma da teoria: unidade e luta I*. Comitê Executivo da luta do PAIGC. Seara Nova, 1976.
- CHAVES, Rita. *Entrevista com José Craveirinha*. In. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- CRAVEIRINHA, José. *Karingana ua karingana*. 3ª ed. Maputo: AEMO, 1996
- SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. Maputo: AEMO, 1988